

Romance de uma  
(auto)afirmação: o  
íntimo e o político  
em *Afirma Pereira*, de  
Antonio Tabucchi

*A self-affirmation bildungsroman: inwardness and  
politics in Antonio Tabucchi's Pereira Maintains*

---

**José Bento de Oliveira Camassa**  
Universidade de São Paulo

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA DA OBRA

TABUCCHI, Antonio. *Afirma Pereira – Um testemunho*. Trad. Roberta Barni. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. 127 p.

## AGRADECIMENTO

Esta resenha foi originalmente elaborada como uma avaliação para o curso de História da Cultura I “Literatura e História no século XX: O Século do Desassossego”, ministrado pelo Professor Doutor Júlio Pimentel no 1º semestre de 2016 na graduação em História na Universidade de São Paulo. Agradeço-lhe pela leitura atenta e pelas correções da primeira versão do texto.

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. (ROSA, 1988, p. 15)

Comumente, concebe-se um pretenso conflito entre duas ditas tendências temáticas antagônicas na literatura, uma centrada no individual e no psicológico e outra concernente ao coletivo e social. Nessa polarização, a primeira perspectiva seria acusada de aburguesada e alienada, dado que ignoraria a política, refugiando-se no privado. Já a segunda, seria estigma-

tizada de determinista e superficial, na medida em que recusaria mergulhar na complexidade interior das personagens, fetichizando grupos sociais. Felizmente, porém, há um arsenal de obras literárias que relacionam o político e o íntimo de forma densa e original, recusando escapismos e simplismos. Entre elas, está o romance *Afirma Pereira – Um testemunho*<sup>1</sup>, do escritor italiano Antonio Tabucchi (1943-2012), no qual questionamentos existenciais entrelaçam-se com um gradual amadurecimento de consciência política e uma nova tomada de postura diante da vida. Procuraremos tratar de como essas duas esferas dialogam na obra.

O livro acompanha Pereira, um viúvo solitário de meia-idade e metódico redator cultural do jornal católico *Lisboa* em Portugal no fim da década de 1930. Em seu monótono dia a dia, Pereira, desgostoso com a vida desde o falecimento de sua esposa, andava obcecado com o dogma cristão da ressurreição da carne, no qual não cria, e com a ideia da morte<sup>2</sup>. Folheando um artigo em uma revista sobre o tema da finitude, o homem se entusiasmou a contratar seu autor, Monteiro Rossi – um jovem bacharel italiano em Filosofia que na verdade não estava interessado no tema da morte – para escrever necrológios para o periódico. O jornalista tem sua rotina alterada quando conhece e passa a se relacionar com Rossi e sua namorada, Marta, ambos firmemente engajados contra o Salazarismo e demais autoritarismos que então assolavam a Europa.

Esse posicionamento dos jovens enseja um conflito com Pereira, visto que esse se declarava orgulhosamente independente e apolítico, delimitando milimetricamente o campo da cultura e o da política e rejeitando

---

1 No original, *Sositene Pereira. Una testimonianza*.

2 Pode-se notar uma relação entre a fixação pela reflexão sobre a ideia de morte e a desencarnação de sua esposa, fato que deve ter motivado essa preocupação. Sinal disso é o corrente hábito de Pereira conversar com o retrato de sua antiga companheira, detalhe que também sinaliza sua solidão.

quaisquer formas de fanatismo<sup>3</sup>. Soma-se a esse desprezo pela política<sup>4</sup> o complicador da censura oficial do regime salazarista e das simpatias do *Lisboa* pela ditadura. Embora Pereira não partilhasse desse alinhamento, reconhece, com alegada prudência, que os elogios fúnebres que Rossi lhe enviava para o jornal eram irresponsáveis, apaixonados e demasiado apologeticos de “subversivos”, como García Lorca e Maiakóvski (TABUCCHI, *op. cit.*, p. 26-27, p. 60). Mesmo não publicando esses textos, Pereira acaba por pagar do próprio bolso a Rossi sem saber por que razão ao certo, seja por ver nele o filho que não teve, seja por considerá-lo como uma companhia (*Ibidem*, p. 31). A cumplicidade cresce ao longo do tempo, com os favores que o velho presta aos namorados quando eles entram de vez na clandestinidade e na luta antifranquista.

Concomitantemente, cresce um mal-estar difuso de Pereira, que assume tanto uma dimensão política como uma dimensão pessoal. Ambas são ensaiadas logo nas primeiras páginas, quando se mencionam o cansaço com o verão lisboeta e os problemas cardíacos de Pereira, bem como seu desconforto em ser visto em uma reunião salazarista e com a presença opressiva da polícia na cidade. O transtorno político é revigorado com a aproximação do jornalista com os jovens, com a percepção das diferenças ideológicas em relação a seus chefes e com uma conversa com uma judia que reivindica a oposição dos intelectuais ao antisemitismo ascendente. Nesse processo, Pereira sente-se cada vez mais incerto de si – tendo afirmado não saber por que se sentia mais envolvido com esses assuntos –,

3 Ver: TABUCCHI, 1995, p. 22; As diferenças entre as visões de mundo entre os jovens e Pereira ficam claras em uma conversa que ele tem com Marta (TABUCCHI, *op. cit.*, p. 61). No diálogo, ela mostra considerar o marxismo crucial, ao passo que ele demonstra desinteresse por essa vertente política e filosófica.

4 A inércia da vida de Pereira somada a sua repulsa pela política têm o tom exato do aforismo de Bernardo Soares [Fernando Pessoa] (2001, p. 131): “Cultivo o ódio à acção como uma flor de estufa. Gabo-me para comigo da minha dissidência da vida.” Pereira, aliás, era admirador de Pessoa.

solitário (*Ibidem*, p. 51), nostálgico e com saúde debilitada. Isso o motiva a se internar em uma clínica médica, onde o incômodo psicológico de Pereira é alvo das observações de Doutor Cardoso. Ao conhecer o paciente e ouvir deste – espantado pelo fato de Marta e Rossi se doarem de corpo e alma à política – o questionamento se sua dedicação à literatura por toda a vida teria sido inútil, o médico compreende que o jornalista atravessava uma transformação, na qual um “eu hegemônico” – uma personalidade –, após paciente erosão, estaria dando lugar a outro, que ainda não teria ascendido completamente (*Ibidem*, p. 75).

Encorajado pelo médico a aceitar o fluxo natural dessa mudança interior, Pereira passa a ser repreendido diretamente por conta de atos seus que carregam um sutil significado político antisalazarista: é confrontado por seu chefe por uma tradução sua de um conto francês julgado antinacionalista e pela polícia política, que descobre que abrigara Rossi, foragido, em sua casa. Essa repressão chega ao auge quando a polícia invade seu apartamento e assassina brutalmente o italiano. Em resposta, Pereira não cede: burla a censura e a autocensura do *Lisboa*, consegue denunciar o homicídio e seu caráter político e foge clandestinamente para a França. Já era outro Pereira.

Com base nesse enredo, consideramos *Afirma Pereira* uma obra sobre as intersecções entre o íntimo e o político, mediadas e expostas por uma crise de consciência que acarreta transformações na personagem principal. O clímax de politização no ato final do romance não é gratuito: é precedido e sustentado por uma longa maturação interior de Pereira. As angústias personalíssimas que desestabilizam a personagem não apenas abrem uma brecha para que ela seja afetada pelo autoritarismo político que a cerca, mas também se amalgamam com os incômodos que o intelectual atravessa diante do mundo com que se depara<sup>5</sup>.

---

5 Isso fica patente no impacto que Pereira tem ao receber as notícias da Guerra Civil espanhola

É assim que o português gradativamente se “dispõe para a vertigem”.<sup>6</sup> Sopesando os múltiplos aspectos de seu interior e da realidade exterior, o literato se põe em xeque: qual deveria ser seu lugar no mundo e como se portar diante dele? Dilema difícil e intransferível, como o do ultrajado eu-lírico de Drummond frente à realidade capitalista: “Devo seguir até o enjoo?”. (ANDRADE, 2008, p. 27)<sup>7</sup>

Antes de partir para ação, uma nova dúvida, contudo: “Posso, sem armas, revoltar-me?” (*Ibidem, idem*). Não basta pautar uma atuação individual perante um cenário político, é preciso optar por quais meios ela se dará. Pereira sabe muito bem disso, pois em momento algum cogita se tornar militante armado do dia para a noite. Com mais esse impasse, seu duplo processo de politização e autotransformação é marcado por uma série de idas e vindas. Receios e incertezas são postos à tona nessa intensa jornada, por vezes beirando à náusea. Por exemplo, a recepção da teoria dos “eus” aventada pelo Doutor Cardoso faz tremer em Pereira um de seus pilares mais sólidos, o catolicismo: ela não seria incompatível com a crença cristã na integridade da unidade indivisível da alma? (TABUCHI, *op. cit.*, p. 84) Mudanças como essa nunca são imediatas, implicam tempo e reflexão.

No mesmo sentido, o duplo processo de renovação de Pereira se dá no campo do possível, conciliando rupturas com continuidades. Tanto é que o escritor, ao final do enredo, alia elementos já consolidados em seu *ethos* – o conto francês com implícito desvio ao nacionalismo, a realização da denúncia por meio da escrita, a opção em fugir para a França, país de

---

do garçom Manuel, do Café Orquídea, e de Marta e Rossi. A cada um dos recorrentes momentos em que pede novas, a personagem se põe a refletir sobre o cenário político e a se preocupar com ele.

6 Expressão do filósofo brasileiro contemporâneo Charles Feitosa.

7 Tanto esta citação como a seguinte são dos dois últimos versos da primeira estrofe do poema “A Flor e a Náusea”.

sua antiga predileção – a novos – o inesperado recurso à ilegalidade, usando um passaporte falso deixado por Rossi. O mesmo ocorre em um dos mais potentes disparadores para a tomada de nova atitude política e psicológica de Pereira: a notícia de que um de seus portos seguros intelectuais, o católico Georges Bernanos (1888-1948), declarara-se contra Franco em meio ao ápice da Guerra Civil espanhola (1936-1939) (*Ibidem*, p. 85-89).

Assim, recapitulando, podemos dizer que, em um primeiro momento, há um desconforto consigo mesmo e em relação ao mundo, gerando dúvidas quanto à personalidade e à postura estabelecidas. Aos poucos, ambas são rejeitadas, até que, em reação, se opera um desejo de alteração. Esse, por seu turno, abre a porta para novas questões relativas à viabilidade e ao modo de concretizar as mudanças. No enfrentamento desse desassossego, recorre-se a uma firme referência identitária e percebe-se que ela própria está a indicar um caminho de transformação. Processo um tanto dialético, talvez, ao fim do qual há uma resolução que acata uma forte modificação – cometer uma ilegalidade, para o pacato Pereira, é uma inegável ruptura – mas não rejeitando de todo o constituído.

Dessa forma, o livro de Tabucchi é um romance de muitas interrogações e reticências, mas, de *uma* afirmação<sup>8</sup> – sugerida pelo título e pela estrutura narrativa – ao ponto final. Trata-se do corajoso e paulatino processo de *autoafirmação* de Pereira, que, em vez de excluir as indagações, é mediado por elas. Por isso, *uma* afirmação, não “A” afirmação, que supostamente não seria acompanhada de inquietações – e, logo, despojada de profundidade. *Uma* afirmação, também porque é particularizada, de

---

8 Aqui se propõe um trocadilho com “romance de formação”. Apesar de *Afirma Pereira* não se encaixar nessa categoria, pelo fato de Pereira já ser de meia-idade, há pontos de contato entre o processo psicológico de aprendizado (a partir de experiências pessoais) e de transformação dele com o das personagens dos romances de formação, as quais ingressam na vida adulta.

Pereira, e não “A” de todo o conjunto da resistência antifascista lusitana.

Já *autoafirmação* designa a adoção de uma postura, por parte da personagem, que equacionasse sua crise de consciência, de sorte a revalorizar sua existência e a torná-la mais plena. Ora, o que não é essa iniciativa senão o exercício da liberdade existencial<sup>9</sup> e sua afirmação por parte de Pereira? Em conversa com Marta, ele lhe pergunta se ela estava metida em encrenca, ao que a jovem, com sincera segurança, lhe admite que sim, apesar de todos os apuros da clandestinidade, porque aquela era a vida que ela escolhera (TABUCCHI, *op. cit.*, p. 84). Subsidiados na sugestão dessa passagem, podemos pensar as ações finais do português no livro como a escolha, deliberada e responsável, de um novo modo de vida, ou, ao menos, o alvorecer de um<sup>10</sup>.

*Autoafirmação* ainda aponta para o caráter duplo do processo vivido pelo português, de determinação de si e de si no mundo, dado que seu novo posicionamento político, assim como a aceitação de sua personalidade transformada, é mediado pelo profundo exame que o jornalista faz de si mesmo. Destarte, a alegada contraposição entre o íntimo e o político mencionada no início deste texto se dissolve em *Afirma Pereira*, uma vez que ambos os campos ressoam um no outro e são apresentados como facetas da mesma crise e *autoafirmação* de Pereira. Não convém, portanto, isolá-los. Pelo contrário, o elo entre o sentido político e o individual na obra tam-

---

9 De acordo com o filósofo idealista prussiano Georg Friederich Hegel (1996), a liberdade não consiste na anarquia ou no reino da concretização de possibilidades infinitas, mas na autonomia, na adaptação de um ser ao mundo. Essa ideia pode ser aplicada a Pereira, pois sua tomada de posição política e pessoal corresponde a uma nova forma de se portar, com responsabilidade e consciência, diante da realidade.

10 Vale lembrar que Walter Benjamin (1994) atribui à forma romance a busca pelo sentido de uma vida (diferentemente das narrativas orais, que visariam apresentar uma moral da história). Embora não se exponha um sentido definitivo para a vida de Pereira no livro, o que está em jogo é justamente a sua procura por uma vida com mais sentido e mais apaziguada consigo mesmo.

bém pode ser reconhecido na forma de narração adotada. O livro é narrado em primeira pessoa, por um narrador não nomeado que é interlocutor de um testemunho – não à toa, o subtítulo do romance – de Pereira em um momento posterior a sua fuga de Portugal – não sabemos se concretizada<sup>11</sup>. Isso fica evidente em diversos momentos em que o narrador esclarece que, sobre determinado assunto, Pereira optou por não depor, por não achar que isso fosse relevante para a história que estava relatando. Uma característica marcante da narração no romance consiste no fato de os períodos iniciais e finais de todos os vinte e cinco capítulos do romance conterem a oração “afirma Pereira”. Essa marca, tal como o próprio ato do relato do processo de estabelecimento de seu posicionamento político, possuem um inegável caráter igualmente político. Ao narrar sua experiência sob um regime autoritário, Pereira não busca reportar-se a fatos de repercussão estritamente particular, casuística, mas de interesse público – caso contrário, talvez o narrador-interlocutor não precisasse registrar a história de vida do português<sup>12</sup>.

Afinal, sua trajetória individual esteve inserida em um contexto maior dos autoritarismos europeus na primeira metade do século XX, século que o próprio autor de *Afirma Pereira*, Antonio Tabucchi, classificou como “o do desassossego”. Em virtude das atrocidades do século, a literatura de testemunho de seus sobreviventes exerce o papel individual de tentar estabelecer uma rememoração possível de um passado sempre traumático e incomunicável e o político de vincular as trajetórias pessoais a uma experiência funestamente coletiva (SELIGMAN-SILVA, 2003). Basta recordar

11 O narrador não desempenha outra ação que não seja se reportar àquilo que Pereira depõe. É implícito, logo, um contato entre o narrador-personagem e o português.

12 Isso também é visto na nota do narrador que precede o romance, que esclarece que o romance homenageia um velho jornalista católico português, que, como Pereira, se opusera com firmeza ao Salazarismo. Dessa forma, elabora-se artisticamente a memória de uma geração passada.

a preeminência dos registros de Primo Levi (1997) como fontes históricas do Nazismo e como documentos definidores de políticas de memória fulcrais para os processos de redemocratização. É, pois, na condição de vítima desses regimes e de sujeito histórico e político que o português fala<sup>13</sup>.

No entanto, e aí está uma das maiores belezas do livro, ao testemunhar, ao ser um ser político e ter a devida consciência disso, Pereira não deixa de ser Pereira, ainda que já transformado: aquele peculiar sujeito católico, um pouco gordo, especialista em literatura francesa e adorador de omeletes e limonadas<sup>14</sup>. A política sempre é praticada por seres humanos concretos, idiossincráticos, com muita história na bagagem, propõe a obra e afirmamos nós.

---

13 Também é plausível a hipótese de que o relato de Pereira, com tons de interrogatório, se dê a alguma autoridade policial. Nesse caso, mesmo que o narrador-interlocutor não esteja preocupado com a relevância dos testemunhos de Pereira para a experiência da resistência ao autoritarismo, o conteúdo narrado segue mostrando a consciência de Pereira do caráter político de sua trajetória.

14 Detalhes que não só dão maior realismo na particularização da personagem Pereira, mas também mostram algumas características suas (como a instabilidade emocional descontada na fixação pelas limonadas açucaradas). Para a importância dos detalhes na ficção, ver: WOOD, 2010, p. 59-85.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Rosa do Povo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- BENJAMIN, W. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- HEGEL, G. F. W. *A Razão na História: Introdução à filosofia da história universal*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. 36. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Unicamp, 2003.
- SOARES, Bernardo [Fernando Pessoa]. *Livro do Desassossego*. Ricardo Zenith (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- WOOD, James. *Como funciona a ficção*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2010.